

Pedagogia da Criatividade: Percursos de Arteducação no Empoderamento de Sujeitos para a Gestão Social Integrativa

Valéria Giannella, Dan Baron e José de Jesus Marques de Sousa

Resumo

Queremos refletir, nesse texto, sobre a “pedagogia da criatividade” como estratégia para o empoderamento de sujeitos, especialmente (mas não apenas) em contextos de exclusão extrema. Propomo-nos a indagar o poder transformador de vivências focadas no resgate e valorização do potencial criativo de sujeitos comunitários e usaremos, para tanto, do caso do “Rio de Encontros”, em curso de implementação em Marabá, PA. Trataremos do empoderamento como objetivo dos processos descritos e, cientes da polissemia de tal conceito, procuraremos esclarecer o sentido que a ele atribuímos. O referencial teórico das Metodologias Integrativas e da Pedagogia da *Transformance* serão os dispositivos teórico-práticos que nos permitem qualificar esses caminhos de busca de autonomia. Os conceitos de Inteligências Múltiplas e de Escuta Ativa, assim como o respeito pela autonomia dos sujeitos que pretendemos envolver nos processos, e que apreendemos com Paulo Freire, são mais alguns marcos conceituais que o leitor verá em ação. Os procedimentos metodológicos usados são os da pesquisa bibliográfica, além do recurso a material empírico oriundo de relatórios de projeto e da reflexão ativa em torno da experiência de gestor social e cultural de um dos autores. Em suma, o caso apresentado permite-nos formular a tese seguinte: o se recorrer à valorização das capacidades expressivas e criativas é uma estratégia crucial em processos que visam o empoderamento, especialmente de sujeitos marginalizados e excluídos. Nosso auspício é lançar mão de um diálogo que nos parece urgente e que tem como objeto o aumento da eficácia das práticas de intervenção em gestão social, para a inclusão social e ampliação da cidadania.

Palavras-chave

Empoderamento. Metodologias Integrativas. *Transformance*.

Abstract

We want to reflect in this text about the “pedagogy of creativity” as a

strategy for empowering individuals, especially (but not only) in contexts of extreme exclusion. We propose to investigate the transformative power of experiences focused on the rescue and valorisation of the creative potential of community subjects, and will use, therefore, the case of “Rio de Encontros” (River of Meetings), being implemented in Marabá, PA. We see empowerment as a goal of the processes described and, being aware of the multiple meanings of this concept, we sought to clarify the meaning we attribute to it. The theoretical framework of Integrative Methodologies and Pedagogy of Transformance will be the theoretical and practical devices that allow us to qualify these paths of seeking autonomy. The concepts of Multiple Intelligences and Active Listening, as well as the respect for the autonomy of the subjects we want to involve in the process, as we learn from Paulo Freire, are a few more strong references that the reader will observe reflected in the paper. The methodological procedures used are those of the bibliographical research, the use of empirical material coming from project reports and active reflection on the experience pertaining to the social and cultural manager of one of the authors. Summarising, the case presented allows us to formulate the following thesis: the choice of valuing expressive and creative abilities is a crucial strategy in processes of empowerment, especially (but not only) when marginalized and excluded subjects are concerned. Our hope is to establish a dialogue, which we believe is urgent, aiming to increase the effectiveness of our practices in social management, in order to achieve social inclusion and expansion of citizenship.

Keywords

Empowerment. Integrative Methodologies. Transformance.

INTRODUÇÃO

No campo da Gestão Social, é frequente deparar-se com um paradoxo ao trabalharmos com sujeitos “radicalmente excluídos”: enquanto objetivamos o empoderamento, a assunção de responsabilidade consigo mesmo e com a coletividade, o cuidado com uma ideia de bem comum que alude a um futuro melhor, esses sujeitos estão presos, na maior parte dos casos, em um círculo vicioso de descrença (com relação ao seu próprio potencial), delega e falta de responsabilização, individualismo competitivo, reprodução irrefletida dos mesmos modelos culturais que os excluem (GIANNELLA, 2009).

É comum que se identifique a dimensão econômica como crucial para reverter essa situação. Os projetos direta ou indiretamente relacionados à geração de renda, através do circuito convencional ou solidário, são, provavelmente, os que mais concentram esforços de ação no campo da Gestão Social. No entanto, avançamos a dúvida, baseada em observações repetidas e vivências pessoais, de que o apoio na geração de renda não consegue, por si só, desativar o círculo vicioso citado logo acima. A própria tentativa de se instalar, nesses contextos, iniciativas de economia solidaria esbarra, frequentemente, no fato de que os sujeitos envolvidos estão tão longe quanto se possa imaginar dos princípios que a sustentam

(cooperativismo, visão do bem comum e de interdependência), voltados muito mais para alcançar um estilo de vida individualista/consumista do que concretizar princípios de solidariedade e coletivismo.

Nestas notas, avançamos a hipótese de que a visão linear e instrumental, que identifica na falta de dinheiro o cerne da marginalidade/exclusão, não procede. O empoderamento desses sujeitos é um processo complexo, tortuoso, dificultoso, especialmente porque os leva a colocar em discussão o único jeito conhecido de organização do mundo para sonhar, e paulatinamente realizar, outros jeitos possíveis. Ao colocar em dúvida a necessidade de o mundo ser de um jeito só (aquele pelo qual são excluídos), eles colocam, ao mesmo tempo, perigosamente em dúvida o único jeito deles mesmos se reconhecerem, o que não acontece, evidentemente, sem resistências e medos.

Com base em vivências e pesquisas em curso, além de casos de prática relativamente bem conhecidos, estamos aqui levantando a ideia de que o complexo percurso de construção do empoderamento, incluindo a autoestima, a assunção de responsabilidade consigo próprios e com o coletivo, tem chances de ser construído de forma mais sólida e eficaz recorrendo a processos que chamaremos de “pedagogia da criatividade”. Queremos aludir, com esta locução, à possibilidade de que todo processo educativo faça das inteligências múltiplas (GARDNER, 2000) e, especificamente, das capacidades criativas, expressivas e reflexivas do sujeito, o seu fulcro. Essas (inteligências e capacidades) foram, e ainda são, sistematicamente censuradas e menosprezadas pelo nosso sistema educativo tradicional. No entanto, a partir do recurso possível ao ritmo, à música, ao canto, à dança, ao desenho e à encenação, teatral e performática da realidade vivenciada, imaginada ou apreendida, a partir do resgate de sua capacidade expressiva, de suas raízes culturais, ressignificadas e reinterpretadas, os sujeitos ressignificam sua existência no mundo, vislumbram novas formas de atuação nele, novas geografias, mapas, referências. Cabe ressaltar que o focalizar as linguagens qualificadas como “artísticas” não implica de forma alguma que sejam negligenciados ou esquivados os problemas sociais, econômicos, culturais, que afetam o dia a dia dos sujeitos. A tentativa é encontrar um ponto de abordagem diferente desses problemas, um ponto de valorização do sujeito pelo que ele/a traz de único e positivo, ao invés de assumir como ponto de partida um estado de fracasso social, individualmente introjetado e aceito.

Para essa reflexão usaremos do referencial teórico das Metodologias Integrativas (GIANNELLA, 2009; GIANNELLA, MOURA, 2009; GIANNELLA, ARAUJO, OLIVEIRA NETA, 2011), as quais dialogam com a pedagogia de *Transformance* (BARON, 2011) em nortear o Projeto “Rios de Encontro: Quintais de Culturas Solidárias”¹, em curso de implementação na comunidade afrodescendente de Cabelo Seco (bairro fundador de Marabá, PA). Não será possível, pelo espaço limitado dessas notas, adicionar mais materiais empíricos, mas não esquecemos a existência de inúmeras pesquisas relativas ao poder transformador do fazer criativo na alquimia do espírito humano².

O que essas histórias nos permitem é avançar a tese seguinte: o recorrer à valorização das capacidades expressivas e criativas é uma estratégia crucial em processos que visam o empoderamento, especialmente de sujeitos marginalizados e excluídos.

Figura 1 - Banner site da Fundação Casa Grande.



Fonte: Ilustração extraída do site da Fundação Casa Grande³

Levar esses sujeitos a exercitar sua capacidade expressivo-criativa e estética; levá-los a se perceberem, de repente, capazes de realizar algo bonito, apreciável por outros; o poder chegar a compartilhar seu íntimo, se manifestar e atuar em um “palco público” (diante dos olhos de terceiros) e a ter um reconhecimento igualmente público, são passos de inigualável valor no processo de reconstrução da autoimagem pessoal, da autoestima, e de transformar o imaginário coletivo. São os blocos básicos para qualquer sujeito se empoderar e assumir suas responsabilidades consigo mesmo e com seu coletivo.

No momento em que o sujeito se percebe diferente do que sempre achou ser e se abre para a existência de uma (ou mais) outras possibilidades individuais e coletivas (cfr. FRIEDMAN, neste número), também se abre espaço para diversas outras transformações sustentadas, não apenas em algum projeto externo ou racionalidade alheia, e sim em micromudanças endógenas, que podem alavancar novos desejos e sonhos em sujeitos e comunidades.

EMPODERAMENTO

Em nosso campo da Gestão Social, assim como em outros contíguos, preocupados com o desenho e implementação de políticas públicas mais inclusivas, o conceito de empoderamento ganhou destaque nas últimas décadas. No entanto, como relatado por diversos autores (COSTA, 2000; HOROCHOVSKY; MIRELLES, 2007; VIERA *et al.*, 2009), o significado do conceito, é assumido, em muitos casos, como autoevidente, sem que seja explorada a sua proximidade com outros de grande complexidade. Assim, como sabemos que o conceito de poder (para falar apenas do mais evidentemente ligado ao objeto) se presta a interpretações múltiplas, é pelo menos provável que o de empoderamento também possa sofrer a mesma sorte. Até a sua origem não parece segura, sendo o movimento negro norte-americano e o das mulheres os dois âmbitos que reivindicam sua procedência originária. É evidente, no entanto, que se trata de contextos de marcada exclusão com relação às condições sociais e econômicas, mas, também, culturalmente discriminados e simbolicamente estigmatizados. É claro que aqui não vai ser possível uma análise extensa da complexidade embutida no conceito. Apenas tentaremos apontar alguns possíveis significados alternativos e o que privilegiamos como mais relevante para os nossos fins.

Um primeiro modo de conceber o empoderamento está vinculado a uma visão substantiva de poder, entendido como “poder sobre”. Nessa visão mais tradicional, o poder é uma

substância, algo que se tem ou não se tem. Para que um sujeito destituído de poder possa chegar a ganhá-lo, alguém deve perder a posição de poder anteriormente possuída. Assim, por exemplo, se as mulheres ganharem poder é porque, necessariamente, os homens o perderão. O poder implica especialmente em capacidade de mandar, coagir outros, obrigá-los a agir conforme a sua vontade. O poder é enquadrado assim num esquema do tipo “jogo de soma zero”, onde os ganhos sempre equivalem às perdas e, no caso do poder, ele simplesmente passaria dos sujeitos anteriormente poderosos para os que eram dele destituídos (IORIO, *apud* VIERA *et al.*, 2009). O conceito de empoderamento não seria, nesse caso, muito mais do que se levar algum sujeito já desprovido de poder a tê-lo, apoiando, através disso, uma inversão de papéis.

Uma visão alternativa a essa primeira costuma-se denominar como visão relacional do poder e reconhecer como sua matriz primária a obra do autor francês Michel Foucault. Ele, a partir de obras como “Microfísica do poder” (2005) e “Vigiar e punir” (2007), desperta a atenção para o caráter molecular e capilarmente presente do poder, o que já não seria um atributo do sujeito e sim das relações humanas que são por ele entremeadas. Ele “rompe com essa noção de poder como algo que se detém e o propõe como algo que se exerce e se efetua nas relações. Partindo desta concepção, o poder não “surge” frente ao homem, sendo próprio de seu caráter humano” (VIERA *et al.*, 2009, p. 136). “Pode-se afirmar que o poder está presente do leito conjugal de um casal à sala presidencial do Palácio do Planalto” (COSTA, 2000, s/p).

Ora, é nessa visão relacional do poder, que o reconhece enquanto consubstancial a toda relação humana, que o conceito de empoderamento assume mais relevância e que se propõem algumas reflexões instigantes. A saber: a) não existe relação de poder sem que haja uma, pelo menos parcial, colaboração dos sujeitos que estão na relação; b) não existe relação que não implique, de alguma forma, uma relação de poder.

Com relação ao ponto a, podemos fazer, como exemplo extremo, o caso de um ditador. Diante dessa figura autoritária, poderia se discutir a noção de existência, do outro lado, de uma forma de colaboração com a relação ditatorial. No entanto, como mostrado por vários exemplos históricos, até nesse caso, podemos admitir que existe colaboração ou, pelo menos, certa condescendência entre quem exerce e quem sofre a relação autoritária, como demonstrado pelas formas igualmente extremas de reação de quem, para se subtrair definitivamente à relação de poder e demonstrar a sua radical discordância com ela, chega a tirar sua própria vida, ou criar movimentos de oposição que colocam em risco as vidas dos envolvidos (e, infelizmente, até de outros que não queriam se envolver).

Quanto ao ponto b, se chegamos a admitir que não existe relação humana que não implique relação de poder, será mais fácil evitar visões ingênuas. Reconheceremos assim, por um lado, que não existe sujeito completamente desempoderado, e, por outro, que a própria relação de empoderamento nos coloca diante de um problema de difícil solução. Parafraseando o que dizia Paulo Freire com relação à educação, podemos afirmar que ninguém se empodera sozinho, mas também, que ninguém empodera ninguém. A única saída para esse quebra cabeça é que: os homens se empoderam partilhando, em comunhão (FREIRE, 1987); isto

é, existe uma solução dialética pela qual, sujeitos relativamente empoderados se dispõem a facilitar a busca de sujeitos relativamente desempoderados por caminhos autônomos de valorização individual e solidariedade coletiva.

EDUCAÇÃO

Sumarizando então, entendemos o conceito de empoderamento como o que leva pessoas e comunidades a serem “protagonistas de sua própria história” (GOHN, 2004). Porém, um ponto fundamental a se responder nos parece o seguinte: qual ou quais são, hoje, os principais fatores de desempoderamento e, portanto, quais seriam os pontos estratégicos a se enfrentar para contrastar esse problema? Uma resposta comum a essa pergunta é que a pobreza desempodera (FRIEDMAN, *apud* HOROCHOVSKY; MIRELLES, 2009), pois retira dos pobres a condição de usufruir substantivamente dos direitos de cidadania. É esse tipo de resposta que justifica a grande quantidade de projetos de gestão social, voltados à geração de trabalho e renda.

Contudo, essa constatação, em sua força contundente, ainda obscurece algumas considerações mais sutis ligadas às características que se costumam destacar, hoje em dia, ao se procurar descrever as nossas sociedades contemporâneas. Sociedades do conhecimento (SQUIRRA, 2005), complexas, “líquido-modernas” (BAUMANN, 2007), são algumas das definições as quais, com acentos diversos, frisam elementos comuns, convergentes, inclusive com a experiência que nós mesmos, enquanto atores e gestores sociais, temos dos contextos de nossa ação. O fato de “as mesmas coisas terem sentidos diferentes” (SCLAVI, 2000) conforme o contexto onde elas acontecem e a significação cultural que se opera nelas; a rapidez das mudanças tecnológicas, mas também sociais e culturais que tornam arriscada qualquer previsão, assim como as tentativas de controlar os acontecimentos futuros que já pautaram disciplinas classicamente modernas como os vários tipos de planejamento; o nível de interconexão dos sistemas (informacional, econômico e cognitivo, mas também das migrações, das doenças, etc.), todos esses fatores levam muitos autores a considerarem que o elemento crucial para se navegar com êxito nesses mares turbulentos é a educação.

Uma educação, no entanto, redefinida com relação ao padrão tradicional que a queria voltada principalmente à aquisição de informações e técnicas. A educação para o século XXI deve ajudar os sujeitos a encontrar as chaves de interpretação do mundo global e de suas múltiplas versões locais. Será uma educação da visão crítica e da autonomia ou não será. Será uma educação que reconhece os limites da racionalidade linear e instrumental típica da modernidade e busca reintegrá-la com outras fontes de sabedoria e outras racionalidades; uma educação que move do reconhecimento de que muitas são as maneiras de ler e interpretar o mundo, e que reconhece lucidamente que esse mundo, por mais que nos pareça o único mundo possível (pelo vício que temos de naturalizar o que nós mesmos, enquanto seres humanos, fizemos (VIERA *et al.*, 2009)), é apenas uma das muitas configurações existentes. Aliás, uma configuração que está manifestando, com sinais alarmantes, os seus pontos de crise.

Ora, chegamos aqui em um ponto interessante de reflexão, pois, quem se interessa e está envolvido no campo da educação sabe muito bem que, por mais que se reclame das taxas de evasão escolar ou das porcentagens de crianças que não acessam as escolas, os processos formais de educação estão longe de assegurar, hoje, respostas adequadas ao problema em pauta. Os modelos epistemológicos e pedagógicos que fundamentam o sistema educativo em muitos países, até centrais do sistema-mundo e no Brasil, com certeza, são ultrapassados e não dialogam com os desafios que a história humana nos propõe. Nessa situação, além da busca imprescindível pela atualização desses modelos, é possível até que os múltiplos processos de educação informal que vêm sendo desenvolvidos em campos como a Gestão Social apontem caminhos relevantes e pertinentes para as respostas que estamos procurando. Assim, parece-nos que a afirmação do potencial criativo de todo educando, esteja ele envolvido em processos formais ou informais de educação, é um ponto de partida fundamental no processo de aquisição de uma visão crítica e de uma postura autônoma e não simplesmente reprodutiva com relação ao mundo.

É nesse intuito que avançamos a proposta de uma pedagogia da criatividade, especificamente relacionada à questão do empoderamento enquanto processo intrinsecamente educativo que nos leva à busca de novas formas do sujeito, individual e coletivo, estar em, e se relacionar com, o mundo.

Voltando à pergunta inicial deste tópico sobre os fatores principais de desempoderamento em nosso mundo contemporâneo, podemos adicionar, agora, a ideia de que o estigma social e cultural que acomete sujeitos como moradores de favelas e bairros periféricos, mulheres e jovens que nelas moram, sujeitos marginalizados por condições de vida (sem teto, desempregados, dependentes químicos, presidiários,...) e o olhar depreciativo que esses sujeitos muitas vezes introjetam, nos parece um fator crucial de desempoderamento, sobre o qual a dita pedagogia da criatividade nos permite operar.

PROJETO RIOS DE ENCONTRO: QUINTAIS DE CULTURAS SOLIDÁRIAS

Não é fácil descrever o Projeto Rios de Encontro pela quantidade de atividade que ele germina, desde 2009 e até hoje, assim como pela complexidade de nexos que estabelece com o território ao redor: Marabá, sudeste do Pará, região de intenso desenvolvimento econômico, especialmente a partir das últimas décadas do século passado e com acirrados conflitos, ligados ao próprio processo de desenvolvimento. Aqui, em seguida, tentaremos descrever a trajetória e os desafios desse projeto, baseando-nos em excertos significativos dos relatórios devidos ao Prêmio Itaú-Unicef - Pequeno Porte - Educação Integral - Experiências que Transformam, anos de 2011 e 2012.

Fase 2009-2010.

O projeto iniciou-se em colaboração com o Ponto de Cultura, GAM (Galpão das Artes de Marabá), e em colaboração com a comunidade pioneira de Marabá, Cabelo Seco. O objetivo

inicial era criar um monumento comunitário nacional sobre a história e o imaginário da região, através de duas colaborações, de formação de gestores, arteducadores, educadores e produtores culturais, e de produção cultural comunitária. Concebido em conexão com diversos projetos comunitários artístico-pedagógicos, o projeto iniciou criando dois processos principais e paralelos: um curso de formação de 6 meses na Escola Judith Gomes Leitão, acerca da pedagogia artística de *Transformance*, para 70 gestores, artistas comunitários e professores, dedicado à transformação social sustentável; e uma colaboração com Cabelo Seco, bairro popular afrodescendente socialmente estigmatizado, baseado num processo comunitário chamado 'Quintais de Cultura' e liderado por seu mestre Zequinha. Esse processo, gradativamente, gerou a banda afroindígena de crianças e jovens, 'As Latinhas de Quintal', que hoje produz sua própria música e dança em busca de uma nova cultura popular no bairro e na cidade. Um terceiro processo, o '1º Fórum de Cultura Solidária' realizado em novembro de 2009, no corredor cultural da região Carajás, juntou as duas colaborações paralelas, cujo grande final aconteceu em Cabelo Seco, coordenado pelos jovens e mães do grupo 'As Latinhas de Quintal'. Esse fórum objetivou a celebração autônoma da cultura do bairro e um encontro entre culturas dos bairros vizinhos em conflito.

Na reflexão final dessa primeira fase do projeto, avaliamos que, apesar de não realizarmos uma obra comunitária nacional, o projeto já transbordou as expectativas originais e criou uma plataforma adequada para justificar uma segunda fase: a proposta de continuidade, premiada a nível nacional na edição 2010 do Edital Interação Estética, Funarte. Nessa segunda fase, de 2011, as atividades realizadas seguiram três eixos organizadores: formação artística, gestão e produção artístico-cultural, e intervenção artístico-cultural local e intercomunitária.

2010-2011: Formação artística de jovens como gestores e produtores culturais

Na segunda fase do projeto, desenvolvemos apresentações com o grupo 'As Latinhas de Quintal' em quatro eventos culturais na cidade e quatro eventos culturais na comunidade. As apresentações geraram grandes matérias no Jornal Correio de Tocantins, ressignificando o olhar preconceituoso da sociedade de Marabá sobre a comunidade Cabelo Seco e transformando a percepção de um bairro violento e excluído em uma comunidade ética, com um projeto visionário, ecológico e socioeducativo de co-responsabilidade comunitária. Ao longo do primeiro semestre, desenvolvemos uma parceria com a turma de Pedagogia do Campo na Universidade Federal do Pará (UFPA-Campus Marabá), trocando manifestações culturais que culminaram na construção de um Jardim de Paz (horta criativa e comunitária) no terreno do Casarão da Cultura no bairro de Cabelo Seco.

As ações de gestão e produção cultural e apresentações musicais geraram a autoconfiança no grupo 'As Latinhas de Quintal' de aceitar dois convites para realizar colaborações de 'cultura viva comunitária' (formação e troca de saberes e apresentações artístico-culturais) entre o mestre Zequinha, uma jovem liderança da banda musical, e um projeto comunitário em Medellin, Colômbia, e em Capão de Canoa e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O

acúmulo dessas realizações culturais estimulou um convite para desenvolver uma parceria artístico-pedagógica com a Escola de Ensino Fundamental Judith Gomes Leitão, ao criar um modelo de colaboração para 2012 com todas as escolas que atendem as crianças e jovens do bairro Cabelo Seco. A colaboração pioneira dessa parceria gerou uma apresentação artística diante de 500 alunos e duas apresentações artísticas diante de 200 mães e pais, catalisando o Prêmio Nacional do Itaú-Unicef 2011, na categoria de 'Pequeno Porte' para 'Educação Integral: experiências que transformam'.

Finalizamos o ano e a fase com uma festa solidária de celebração de todos os gestores jovens e adultos do projeto, cujo tema de solidariedade se concretizou a partir da ressignificação de um cachê da Vale do Rio Doce (realizadora-financiadora do Festival Giro Cultural) em uma moeda solidária para 15 membros da comunidade de Cabelo Seco com necessidades especiais. Na reflexão final dessa segunda fase do projeto, percebemos uma popularização das músicas e o potencial gestor cultural do grupo 'As Latinhas de Quintal' como base possível de uma cultura popular emergente da comunidade de Cabelo Seco; e uma obra cultural imaterial capaz de sensibilizar a cidade, a região amazônica do sudeste do Pará e o país, sobre a necessidade de repensar os conceitos dominantes de juventude e desenvolvimento acelerado.

Avaliamos que o reconhecimento municipal do grupo juvenil como gestores e produtores de uma nova comunidade ética, solidária e sustentável possível afirmou a proposta pedagógica que aplica as artes como linguagem de transformação socioeducativa e cultural. Também justificou o uso do prêmio do Itaú-Unicef para realizar uma terceira fase: a continuidade do projeto da autotransformação comunitária, baseada nos três eixos organizadores de formação artística; gestão e produção cultural; e intervenção intercomunitária e transcultural.

Sentindo-nos mais preparados para ampliar o projeto ao alcançar a comunidade inteira, decidimos estender nossas ações culturais para além dos quintais de seus integrantes, a fim de incluir as cozinhas e os quartos da comunidade. Acreditamos que um CD das músicas das 'As Latinhas de Quintal' poderia sensibilizar a comunidade e divulgar os valores do projeto, para cultivar autoestima e autoconfiança. Também, sentimos a possibilidade de convidar artistas, educadores e gestores solidários de fora, para diversificar a experiência cultural da comunidade, estimular o olhar através do outro e inspirar a troca de saberes, como iguais, entre convidados de respaldo e os artistas e gestores de Cabelo Seco. Essas reflexões geraram a proposta de um programa de residência artística em colaboração com o Instituto Heinrich Boll da Alemanha.

Finalmente, refletimos sobre a vulnerabilidade econômica do grupo 'As Latinhas de Quintal', o qual chegou a aceitar o cachê da Vale (que está bancando a exploração e devastação do Sudeste da Amazônia), mesmo depois de uma decisão coletiva de participar no seu festival de Cultura para propor uma Amazônia sustentável, sem aceitar remuneração. Refletimos também sobre a vulnerabilidade da comunidade em geral à sedução de grandes empresas. Definimos um quarto eixo organizador: o cultivo da economia solidária. Essa decisão gerou três novos objetivos específicos para o Casarão de Cultura para demonstrar à comunidade sua capacidade de autossustentação e criar uma base para uma economia solidária comunitária

possível: integrar uma placa solar; integrar um sistema de reciclagem de chuva; e criar uma moeda solidária.

Porém, dois acontecimentos na comunidade provocaram os núcleos gestores a repensar sua estratégia de como realizar esses objetivos: a inesperada gravidez em novembro de uma integrante de 14 anos do grupo 'As Latinhas de Quintal', uma das mais comprometidas jovens do projeto; e o espancamento na rua do filho adulto do Diretor Musical do projeto por mulheres da comunidade, provocadas pela sua ameaça e violência sexual. Mesmo sendo um músico reconhecido, ele não havia conseguido evitar uma vida sem teto, viciada em drogas e cachaça.

O primeiro acontecimento reforçou a resistência do grupo mais articulado e conservador na comunidade, o qual já desacreditava no poder transformador da formação cultural e advogava soluções socioeconômicas a partir do mercado de trabalho e repressão decisiva policial. O segundo acontecimento transpareceu a necessidade de ampliar a base de colaboradores qualificados e de instituições parceiras para lidar com o grau de sequelas psicoemocionais de séculos de exclusão e violência socioeconômica.

Ambos acontecimentos machucaram a autoconfiança de uma parte do núcleo adulto gestor e, nas últimas reuniões dos dois núcleos gestores em 2011, geraram duas novas prioridades para o projeto: cuidar da questão de gênero e sexualidade para cultivar a autoconfiança das meninas e moças em Cabelo Seco; e integrar parceiros solidários em cada espaço do projeto.

Reflexões em antecipação do segundo semestre

O assassinato, em junho do Alexandre, jovem de Cabelo Seco, cadeirante, uma das pessoas com necessidades especiais que ganhou um presente solidário na Festa de Cultura Solidária de 2011, nos abalou. "O projeto estava chegando a ele", disseram as bolsistas do Projeto, "mas chegou tarde demais". A rua cochichou que ele comandava o tráfico de drogas de sua cadeira de rodas e coordenava a morte de outros envolvidos. Porém, estava também no limiar de uma escolha, entre dois projetos opostos: um pôr do sol de sangue jovem, viciado e autoconsumidor, e um nascer do sol de nova liderança e comunidade sustentável.

Tentamos praticar a dica do Paulo Freire, a "paciência impaciente". O mestre Zequinha, Diretor Musical do projeto e pai do rapaz espancado, sente isso na pele: "Necessitamos de soluções imediatas, mas sabemos que as únicas soluções que vão garantir uma transformação profunda e sustentável necessitam de tempo" para cicatrizar as sequelas de séculos de violência e ressignificar a cultura poderosa do mercado, com seus valores individualistas e alienados do dinheiro, em uma cultura de solidariedade com seus valores sociais de cuidado e comunidade. Esse é o foco do segundo semestre de nosso projeto. Se conseguirmos aprofundar e demonstrar nossa proposta alternativa como uma nova política possível, baseada em uma cultura viva e comunitária e colaborações solidárias, o prêmio do Itaú-Unicef terá contribuído muito para nossa prática transformadora e humanizadora "da rua para as instituições".

Reflexões em antecipação a 2013

Um segundo semestre intenso, rico e inovador, que transparece novos desafios profundos, inevitáveis, no processo de transformação.

Lamentamos muito que, assim como nosso primeiro relatório, nosso segundo semestre encerra com uma reflexão sobre mais um assassinato, em dezembro, do Everton, filho do diretor musical do projeto e mestre popular, Zequinha. Entretanto, em contraste com Alexandre, assassinado em junho, Everton havia começado a atravessar o limiar entre o mundo viciado no refúgio crítico-prazeroso das crueldades do atual paradigma e o mundo comprometido com sua autorreabilitação e autossustentabilidade de um paradigma emergente.

Na noite antes de sua morte, o Everton conversou sobre seus planos para montar uma exposição fotográfica da comunidade, “História Viva”, para o Natal. Depois foi para lavar suas roupas, mas, de repente, foi chamado por pessoas fora do projeto, e voltou a sua casa com 13 balas no rosto. “A droga precisa enraizar-se nos mais inteligentes de nossos jovens para manter sua agilidade”, refletiu Zequinha, na madrugada depois da morte. “Temos que oferecer um prazer desconhecido, de autorrealização admirada”.

Aumentar nossa festa de final de ano para um festival de quatro dias de “beleza amazônica” possibilitou este *prazer social* que muitos na comunidade comentaram nos dias depois. Sem uma sustentação dessa convivência com *autorrealização social* alternativa, nosso projeto (assim como Everton), continua vulnerável à violência e conivência popular que caracterizam a cidade. Apesar de todos nossos resultados positivos durante 2012, o Projeto Rios de Encontro pode vir a ser arrastado e desconstruído no “tsunami de consumismo” agendado para 2013-14 (a construção de dois mega shoppings, da hidrovía-barragem no Rio Tocantins e da Siderúrgica em Marabá), em nome da “democratização da riqueza”.

O Festival, no entanto, é fruto de nossa terceira fase de transformação artístico-pedagógica, guiada por décadas de experimentos sustentados. Essa fase ampliou cuidadosamente nossa base de colaboração e co-produção interinstitucional, radiando da cultura popular de raiz de rua, para alcançar outros bairros, as escolas vizinhas e a economia local. A participação pró-ativa dessas instituições não foi à toa. Manifesta a busca desesperada, mas corajosa, visionária e lúcida, de um bem estar, um *bem viver sustentável*, ou, em outras palavras, um novo paradigma humano, generoso e celebrativo para garantir a vida digna, em particular para aqueles mais vulneráveis: toda criança, jovem e idoso na terra. As instituições que atualmente mais carecem e sofrem essa falta são a família e a escola.

Todos nossos colaboradores, os que concluíram um de nossos projetos e 25 jovens e crianças (sorteados) do desfile e da bicicletada, ganharam a camiseta do festival, “vivo pela paz”, como ação final de 2012.

2012 afirmou o poder transformador das linguagens de *performance* (dança, teatro e música), num palco democrático, inclusivo e afirmativo. Mas destacou duas *performances* dominantes e invasivas que ainda ficam no segundo plano de nossa pedagogia: a *memória viva da fome*

e a fome psicoemocional que alimenta o atual individualismo promovido pelo celular e pelas ilhas de comunicação, em casa, na escola e na rua. Dedicaremos-nos a entender e experimentar com cuidado para transformar essas novas ditaduras, resgatando e criando rituais, ações e projetos adequados.

Paradoxalmente, quanto mais as residências artísticas, projetos de ação-pesquisa juvenis e cursos de formação e transformação do imaginário (pelo Cine e pelo Festival) geraram resultados significativos, mais transparecem os desafios significativos que vão estruturar a quarta fase de nosso projeto. Não fomos contemplados para um terceiro prêmio nacional de Interações Estéticas em 2012 (Funarte, Ministério da Cultura), refletindo talvez a mudança nas políticas do governo, comprometidas com a economia criativa, para financiar essa quarta fase de nosso projeto. Isso propulsionará a busca de nossa própria economia solidária.

FALANDO EM RESULTADOS, DESAFIOS: CONCLUSÕES INCONCLUDENTES

A abordagem de uma pedagogia criativa, fundamentada na adoção de Metodologias Integrativas e da *Transformance* nos anima diante dos resultados alcançados no contexto de projeto, assim como em outros que praticam os mesmos princípios. Eis em ação o potencial da “*performance*”, aquela atividade que nos permite experimentar ser algo que ainda não somos, ou que acreditamos que não somos, mas que podemos nos tornar se apenas algumas condições objetivas e subjetivas assim permitirem (FRIEDMAN, neste número). É o potencial da “*transformance*”, o processo de criação de um imaginário em *performance* popular, de uma nova identidade e estética transculturais, que constituam um novo palco possível para cultivar uma comunidade de opção e corresponsabilidade (BARON, 2011). A autoimagem que cada sujeito possui de se mesmo é uma dessas condições; outras são as predispostas pelos contextos nos quais agimos, que nos autorizam a novas *performances* ou, ao contrário, nos censuram e imobilizam nas *performances* consolidadas.

Ao mesmo tempo, a crônica do projeto nos abala com a força e crueldade das reações às tentativas inovadoras de estabelecer novos modelos de convivência. Conscientes do tamanho do desafio que aceitamos em querer desconstruir o paradigma posto de interpretação e ação, diante da marginalidade e exclusão, tentamos, dentre outras estratégias, adentrar o espaço de produção do saber acadêmico. Contamos, ao fazer isso, com uma abertura dele, em nada óbvia, para escutar palavras e apreciar formas de mobilização não regidas por uma racionalidade clássica, objetiva, linear ou instrumental. Ao contrário, essa ação, de Escuta Ativa (SCLAVI, 2000), é movida pela razão apaixonada, pela afirmação de valores, pelo compromisso com a convivência pacífica e harmoniosa entre seres humanos e natureza, pela afirmação da beleza dos rios, que estão sendo devastados, pela afirmação do poder da arte, como expressão não elitista e sim radicalmente humana, de transformação do mundo. Sabemos, ao mesmo tempo, que até que encontremos a abertura da escuta, as formas acadêmicas de produção de discurso e conhecimento são alheias aos sujeitos nossos parceiros: os jovens e adultos envolvidos no processo de transformação e ressignificação do bairro de Cabelo Seco em Marabá, apesar de toda contradição, conflito, avanço e retrocesso, estão se apropriando de sua voz, através de suas atuações em palcos públicos de afirmação individual e solidariedade

coletiva e de toda preparação que isso comporta. Estão se tornando, entre alegria e dor, sujeitos públicos, chamados a se posicionar em conflitos de porte global (a relação entre empresas multinacionais como a Vale e a comunidade de Marabá), a vislumbrar caminhos futuros, antagônicos com o dominante, e a reconhecer na sua própria pele o tamanho do desafio que isso tudo implica.

Figura 2 - Uma página do calendário de 2013, produzido como forma de divulgação das ações do projeto.



Fonte: Arquivo do Instituto *Transformance*.

Figura 3 - Boi 'Flor do Campo' no festival em Cabelo Seco, Marabá, Pará.



Fonte: Arquivo do Instituto *Transformance* .

Figura 4 - Dança afrocontemporânea do AfroMundi inspira e provoca o público do festival.



Fonte: Arquivo do Instituto *Transformance*.

Essa voz, no entanto, não chega até as páginas das revistas, nem ao fórum das conferências, a não ser levada por mediadores, “intérpretes”, que se encarreguem de traduzir as formas das palavras deles nos formatos aceitos. Esquecer-se das fronteiras e barreiras existentes entres códigos distintos de comunicação seria ingênuo e, de fato, culposo de perpetuar a crença de que o discurso científico seja a única forma válida de descrever o mundo, para pensar e escolher as formas de sua transformação.

Para finalizar estas páginas, podemos afirmar que a proposta aqui apresentada, de uma “Pedagogia da Criatividade”, fundamentada na adoção de Metodologias Integrativas e de *Transformance* aponta para percursos de autoafirmação criativa dos sujeitos, como elementos chave de processos de empoderamento, autonomia, responsabilização, com relação ao presente e futuro, individual e coletivo. Sabemos da inércia dos paradigmas e da força intrínseca das modalidades consolidadas de interpretar o mundo. No entanto, parece-nos que continuar focalizando a dimensão material da falta de dinheiro como a principal que determina a condição de marginalidade e exclusão de sujeitos e comunidades seja uma manifestação do poder ainda exercido por uma visão simplória e instrumental dos fenômenos de inclusão/exclusão social. Nosso auspício, com este trabalho, é lançar mão de um diálogo que nos parece urgente e que tem como objetivo o aumento da eficácia das práticas de intervenção em gestão social, para a inclusão social e ampliação da cidadania.

NOTAS

- 1 <http://www.humiliationstudies.org/documents/BaronCohenRelatoriodoSegundoSemestre2012do16deJaneiroUNICEF2013.pdf>
- 2 Por exemplo, a elaboração de uma dissertação de mestrado que traz a reconstrução de algumas histórias de vida que retratam o poder da vivência com arte na construção do sujeito (NEVES, 2013), ou projetos exitosos como o da Fundação Casa Grande (Nova Olinda, CE: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/>); ou de escolas no ensino fundamental no Brasil (a exemplo da Escola Lumiar, SP: <http://www.lumiar.org.br/>) ou no exterior (Escola da Ponte, no Portugal: <http://beta.escoladaponte.com.pt/>); ou ainda da experiência registrada pelo filme *Lixo Extraordinário*, do diretor Lucy Walker, que retrata o trabalho do artista plástico Vik Muniz, ao longo de dois anos, com catadores de um dos maiores aterros sanitários do mundo, o Jardim Gramacho (RJ, <http://www.lixoextraordinario.net/>).
- 3 <http://www.fundacaocasagrande.org.br/principal.php>

REFERÊNCIAS

BARON, Dan. Museu íntimo: diálogos entre cultura, educação e estética. In: SCHOMMER, Paula Chies; BOULLOSA, Rosana de Freitas. (Org.). **Gestão Social como Caminho para a Redefinição da Esfera Pública**. Florianópolis: Editora UDESC, v. 1, p. 303-331, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher. NEIM/UFBA, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Ed Graal, 2005.

_____. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. 34ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIEDMAN, Dan. Performance and development: Some thoughts on the relationship between theatre and community at the launching of the Youth Onstage! Community Performance School. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador: v.2 n.3, 2013.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas, a teoria na prática**. Porto Alegre: Penso Editora, 2000.

GIANNELLA, Valéria. Espaço Aberto para Troca: Uma oficina sobre os paradoxos da mobilização social em contextos de exclusão extrema. **Coleção Roteiros de Gestão Social**, Salvador: série editorial CIAGS/UFBA, v. 1, 2009.

_____; MOURA, Maria, Suzana. Gestão em rede e metodologias não convencionais para a gestão social. **Coleção Roteiros de Gestão Social**, Salvador: série editorial CIAGS/UFBA, v. 2, 2009.

_____; ARAÚJO, Edilson Tavares de; OLIVEIRA NETA, Vivina Machado de. As Metodologias Integrativas como caminho na ampliação da esfera pública. In: SCHOMMER, Paula Chies; BOULLOSA, Rosana de Freitas. (Org.). **Gestão Social como Caminho para a Redefinição da Esfera Pública**. Florianópolis: Editora UDESC, v. 1, p. 139-164, 2011.

GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 20-31, 2004.

HOROCHOVSKY, Rodrigo Rossi; MIREILLES, Giselle. Problematizando o conceito de Empoderamento. II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais – NPMS.

NEVES, Francisco, Grangeiro, T. **Ação cultural para o desenvolvimento sustentável: trajetórias e percursos na região do Cariri/Dissertação (mestrado)** – Universidade Federal do Ceará, Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável – PRODER, Juazeiro do Norte, 2013.

SCLAVI, Marianella. **Arte di Ascoltare e Mondi Possibili**. Milano: Le Vespe, 2000.

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento. In: MARQUES DE MELO, J. M.; SATHLER, L. **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005.

VIERA, Gabriela Teixeira; ANDRADE, Carolina Riente *et al.*. A Utilização da Ideia de

“Empoderamento” em Políticas Públicas e Ações da Sociedade Civil. **Cadernos de Gestão Social**, Salvador: CIAGS/UFBA, v. 2, n. 1, 2009.

**Valéria
Giannella**

Formada em Planejamento Urbano e Regional pela Escola de Arquitetura de Veneza (Itália), onde também cursou seu Doutorado em Políticas Públicas do Território. Desde novembro de 2009, tornou-se professora adjunta da Universidade Federal do Ceará, Campus no Cariri, hoje UFCA (Un. Fed. do Cariri). Desde 2011, é professora permanente do Mestrado Interdisciplinar em Desenvolvimento Regional Sustentável e líder do Paidéia, Laboratório Transdisciplinar de Pesquisa e Extensão sobre Metodologias Integrativas para a Educação e a Gestão Social, reconhecido pelo CNPq. Hoje está como coordenadora do Curso de Bacharel em Administração Pública e Gestão Social da UFCA.

Dan Baron

Arteeducador popular, escritor, artista plástico e coordenador artístico-pedagógico do Projeto Rios de Encontro da Universidade Comunitária dos Rios. Presidente da Aliança Mundial pela Arteeducação entre 2006-2010, vem co-cultivando sua pedagogia de *Transformance* no Brasil desde 1998. Mora em Cabelo Seco, Marabá-PA, Amazônia, desde 2009.

**José de
Jesus
Marques
de Sousa
(Zequinha)**

Mestre da cultura popular (reconhecido pelo MINC), diretor musical do projeto amazônico Rios de Encontro, integra o Núcleo gestor da Universidade Comunitária dos Rios, (Cabelo Seco, Marabá, PA).